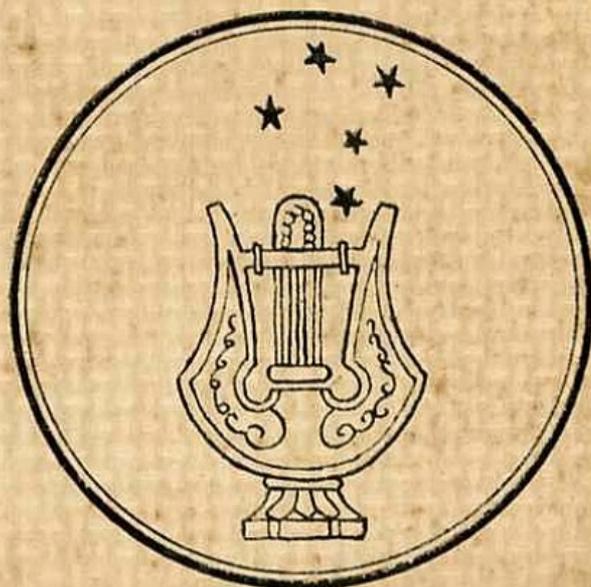


SILVESTRE PÉRICLES



NO TEMPO  
das  
RIMAS

COM UM PREFÁCIO DO  
ACADÊMICO MENOTTI DEL PICCHIA

PONGETTI

DO "PREFÁCIO" DE MENOTTI DEL  
PICCHIA, NESTA OBRA, REFERIN-  
DO-SE A SILVESTRE PÉRICLES:

"Creio que é justamente nessas notas românticas que mais amo êste espírito. É sempre aquêle mundo emotivo, que escondemos dentro de nós, o mais humano e capitoso. A nota cívica, estridente como uma clarinada e, como a clarinada, metálica, perigosamente eloqüente, não raro inconscientemente convencional, e o tema pomposo, que serviu já de ponto de referência a milhares de virtuosismos técnicos, não oferecem ao artista possibilidades e mistérios como êsse material pessoal e sensível, que é a obscura carga lírica que cada qual esconde na alma.

É na manipulação dessa matéria que melhor se revela o estro de quem fingiu voltar "ao tempo das rimas" para encontrar o melhor de si mesmo, como se regressasse a umas zonas mais ricas e amadas do próprio "eu", para aí identificar melhor a própria essência, ter a medida mais exata da própria personalidade e verificar que o Senhor o dotou da virtude mais alta: a de perpetuar a si mesmo em substância lírica, que é eterna..."

A querida "berdeira", com um  
abraço muito apertado do

Silvestre Pinheiro

Rio, 15-10-1969.

**NO TEMPO DAS RIMAS**



### 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO, AUMENTADA

Esta nova edição do livro de versos “No Tempo das Rimas”, de Silvestre Péricles, justifica-se pelo esgotamento das duas primeiras edições e acréscimo do capítulo VI — “Cimos e Visões”.

Trata-se de distinguida e irrecusável homenagem ao autor, feita pelo preclaro Dr. Luís Alberto Dalcanale, coroada pelo belo soneto do grande poeta do Norte, Paulo Fénder, “Honra a Silvestre Péricles”, *in fine*.

Rio de Janeiro, 1965.

O EDITOR.



*A memória de Castro Alves — o  
grande poeta social, nascido em terras  
do Brasil.*

*Aos meus amigos — que me anima-  
ram a reunir em livro versos esparsos,  
feitos, intermitentemente, no pequeno  
tempo que pude dedicar às rimas.*

*A memória de Guimarães Passos —  
o mavioso poeta alagoano.*



## PREFÁCIO

*Todo livro de versos é, para quem saiba lê-lo, uma autobiografia. Mesmo nas mais surrealistas das transposições — que o poeta, tal qual o visionário de Patmos, geralmente se oculta na metáfora — fixa, como uma borboleta trespassada por um alfinete, e que se debate viva, um pedaço da alma.*

*Às vezes, um livro, como certas inscrições rupestres ou certos incunábulo mutilados, é fragmentário. Há nêle lapsos de silêncio, como se a alma, bruscamente, se calasse ou se encolhesse.*

*Quando o poema retoma seu fio, sua linguagem é diferente. Para um leitor menos avisado, que não soubesse descobrir a sutil unidade do espírito e não conseguisse dar uma voz a êsse silêncio, o poeta pareceria frívolo e independente, não narrando seu drama íntimo em cada poema, mas entregando-se, liberto e exterior, ao tema.*

*Ignora, quem não penetra no mistério do milagre lírico, que o fluxo criador jorra de uma ânsia, de uma contínua e angustiosa necessidade de expansão, e que os temas*

não são impostos ao artista pelo mundo físico ou moral, mas, que são resultantes de uma identidade instintiva e casual, feita da íntima qualidade da emoção, que quer exteriorizar-se, integrando-se no motivo temático pela carga de identidade que o mesmo sugere. Assim, quando o poeta está falando de uma borboleta, de um crepúsculo ou de uma montanha, êle está identificando sua alma com a versatilidade de um vôo, com a angústia de um cair de tarde ou com o ímpeto majestático de uma cordilheira. É mesmo que seja hermético e não faça como Silvestre Péricles em "Nuvem de Amor" e "Dos Rios", explicando suas imagens como mágico de circo que dá à platéia a receita da sua prestidigitação — se o poema não é um estúpido jôgo de palavras, é sempre uma revelação da alma, descreva êle um céu fosforescente ou relate o ardor de uma batalha.

Não foi sem razão que os egípcios integraram, no desenho de imagens, a expressão do verbo, que é sempre alma imanente.

Isso quer dizer que, se todos dispusessem de técnica, melhor, ou pior, todos se exprimiriam em versos, que é a maneira mais instintiva e, ao mesmo tempo, mais complexa e total de realizar-se um espírito. A qualidade plástica da poesia recua, em tal caso, para um plano secundário. A carga de alma revelada é o que passa a valer mais. É nesse sentido que afirmamos ser todo livro de versos uma autobiografia.

\* \* \*

*Silvestre Péricles oferece-nos trechos saltuários da sua, pois as datas que identificam seus poemas são acrobáticos saltos no tempo.*

*Ficam vazios de silêncio, que são como a côr neutra da gelatina das chapas ainda não reveladas, a que um banho de hidroquinone fará ressaltar a imagem ali fixada e escondida. Não é difícil, nesse largo friso, recompor as interrupções curtas. O mesmo generoso fluxo lírico dá os contornos do desenho mutilado e unidade à obra de arte. Se o poeta preferiu, nesses lapsos, a descrição do silêncio, o poema teve, em tal caso, apenas o relêvo interior da contemplação estática — que é a forma muda, negativa e pávida da poesia — ou da autofecundação preparadora de novas germinações artísticas. O certo é que o poeta veio vindo, desde os distantes dezessete anos, fiel ao homem dinâmico, e integrado, em exaustiva ação, no século de tanto gasto físico e tormentoso.*

*O irredutível romântico — feliz dêle! — salta das composições iniciais — Orfandade, 1913 — A que não veio, 1930 — para reaparecer, nessa revelação de um reencontro com sua própria e perene emotividade, em Onze anos depois (1941), onde, mais que um tema de soneto, há uma impressionante nota autobiográfica, isto é, o encontro de sua alma de então com sua alma antiga, a mostrar sua constante identidade:*

*...Entro na tua casa. O sol fulgura.  
Mas, dentro em mim, há frêmitos dolentes  
de incertezas, saudades e ternura.*

Surges, por fim. No teu olhar sem côres  
releio o meu destino: estão presentes  
nossas recordações e nossas dores.

\* \* \*

*Creio que é justamente nessas notas românticas que mais amo êste espírito. É sempre aquêle mundo emotivo, que escondemos dentro de nós, o mais humano e capitoso. A nota cívica, estridente como uma clarinada e, como a clarinada, metálica, perigosamente eloqüente, não raro inconscientemente convencional, e o tema pomposo, que serviu já de ponto de referênciã a milhares de virtuosismos técnicos, não oferecem ao artista possibilidades e mistérios como êsse material pessoal e sensível, que é a obscura carga lírica que cada qual esconde na alma. É na manipulação dessa matéria que melhor se revela o estro de quem fingiu voltar "ao tempo das rimas" para encontrar o melhor de si mesmo, como se regressasse a umas zonas mais ricas e amadas do próprio "eu", para aí identificar melhor a própria essência, ter a medida mais exata da própria personalidade e verificar que o Senhor o dotou da virtude mais alta: a de perpetuar a si mesmo em substância lírica, que é eterna...*

S. Paulo — 1947.

MENOTTI DEL PICCHIA.

## NÓTULA PESSOAL

*“Há tempo de espalhar pedras, e tempo de as ajuntar.”*

(Eclesiastes, Cap. III, 5)

*Nunca tive a pretensão de ser poeta.*

*Apenas, fugazmente, a inspiração aparecia, e eu versava, com intermitências, desde os 15 anos.*

*Foram-se passando dias, meses, lustros — e muita coisa ficou para trás, esquecida ou perdida.*

*Alguns de meus amigos, demasiadamente generosos, sempre entenderam — de acôrdo, aliás, com o preceito bíblico — que era chegado o tempo de juntar, dentre as que se conservaram, as pedras de minhas rimas, outrora espalhadas. Resisti; mas acabei por concordar com o desejo deles.*

*No agrupar de poesias e sonetos que seguem, fiz poucas emendas e retifiquei ligeiros senões.*

*Em nenhuma hipótese, prejudiquei a forma ou, principalmente, a substância das produções — publicadas, quase todas, nas datas que as acompanham. Questão de probidade literária, de que jamais me afastaria.*

*Como é fácil verificar, são, na sua grande maioria, produções antigas. Uma delas, eu a redigi em 1913, quando tinha 17 anos de idade.*

*Nesta era atômica que atravessamos, parece anacrônico, ou impertinente, que se dê à estampa um livro de versos, por mais modesto que se apresente.*

*Mas, por definição, a Ciência e a Arte são irmãs gêmeas: se aquela deve propagar o belo verídico, esta deve abranger a verdade embelecida.*

*Declarando-me amador da poesia, e não poeta, estarei, contudo, justificado?*

Rio, dezembro de 1946.

SILVESTRE PÉRICLES.

I

MUSA DILETA



## P Á T R I A

Vasto no solo, forte pela raça,  
na livre América um país prospera.  
E desde os Guararapes o encouraça  
o nume do valor que retempera.

Os conceitos pacíficos abraça,  
e no labor refaz a sua esfera.  
Dando o exemplo benéfico, sem jaça,  
na norma da igualdade persevera.

Altos cimos de luz que a fé redoura!  
Do belo e verdadeiro na confiança,  
a justiça preside, imorredoura.

E êsse país, que a humanidade inteira  
contém no coração e na esperança,  
outro não é que a pátria brasileira.

*Rio de Janeiro — novembro de 1946.*

## M Á T R I A

Terra natal, formosa entre as formosas,  
abriste para nós a tua luz.  
E no teu seio, trescalante a rosas,  
criaste um povo altivo que seduz.

As fibras imortais e generosas  
daqueles que te honraram, faze, a flux,  
que as imitem, viris e justicosas,  
no culto à liberdade que transluz.

O' gleba de operários e guerreiros!  
No trabalho geral ou na cultura,  
ante a paz, nunca fomos derradeiros.

Tu, Alagoas, que o valor constróis,  
orgulha-te de ler a história pura:  
nos campos de batalha — teus heróis.

*Rio de Janeiro — novembro de 1946.*

## A QUE DEIXA POSTERIDADE

Quando contemplo as rugas do teu rosto,  
fico-me triste e evoco os tempos idos:  
a casa do “Guindaste” (\*) num sol-pôsto...  
e meu pai, que se foi entre gemidos...

Nove filhos, porém, no teu desgosto,  
foram fanais ou sonhos redimidos.  
Nos embates da vida tens composto  
o poema dos amôres mais queridos.

---

(\*) “Guindaste” — nome do Engenho onde nasceu o autor, no município de S. Luís do Quitunde, Alagoas.

Se — filha, irmã e espôsa — fôste reta,  
guiou-te sempre êsse materno enleio,  
que floriu na tua alma predileta.

Mãe! As ruínas dos anos, posso vê-las:  
sou, agora, pequeno, no teu seio,  
e as tuas rugas brilham como estrêlas.

*Rio de Janeiro — novembro de 1946.*

## N A T A L

(Recordação da infância)

Em S. Luís do Quitunde. A noite desce,  
pontilhada de estrêlas e doçuras.  
O “Alto do Redentor” até parece  
que se prolonga, além, para as alturas.

Confundem-se, na fé, o céu e a prece.  
O’ noite de Natal! tu transfiguras  
o coração do povo, que embelece  
dentro em bondades rútilas e puras.

Vamos subindo. Ao longe, eis o Cruzeiro.  
Barraquinhas de palha no cenário...  
Que alegria se estende ao mundo inteiro!

Sopra, na madrugada, a aragem fina.  
Como que se ouve, agora, o campanário...  
E Jesus abençoa na neblina...

*Rio de Janeiro — fevereiro de 1947.*

## DO ETERNO MOTIVO

Quando nasceu o amor na humanidade,  
os símbolos do mal foram fugindo.  
A fonte redentora, que persuade,  
fixou à vida seu poder benvindo.

Nós surgimos da dor para a bondade,  
do sono obscuro para o sonho lindo.  
Tal a mudez ambiente que se evade,  
ante acordes puríssimos defluindo.

A atração seletiva configura  
o enlêvo ascensional da primazia,  
na graça, na beleza, na ternura...

E, unida à idéia a fórmula corpórea,  
o amor por entre os sêres se anuncia  
para a perpetuidade, além da glória...

*Pelotas — março de 1920.*

## B E L E Z A

(Tradução)

Tu, que, no coração, bem ao fundo, fulguras,  
Beleza, ferro em fogo, infunde-me doçuras,  
ou, se me deves dar uma coisa amargada,  
nunca sejas de mim, ao menos, ignorada.  
Abrasa-me e consome, ó meu sol sem parêlo,  
que — teu rígido dardo, êsse dardo vermelho  
lançando, dia a dia, a flama mais fecunda —  
seja eu regenerado até a alma profunda,  
e até minha razão, louca de te querer,  
já não distinga se isto é viver ou morrer!

*Rio de Janeiro — dezembro de 1945.*

## BEAUTÉ

*(De Charles Maurras)*

Toi qui brille enfoncé au plus tendre du cœur,  
Beauté, fer éclatant, ne me sois que douceur,  
ou, si tu me devais être une chose amère,  
en aucun temps du moins ne me sois étrangère.  
Brûle et consume - moi, mon unique soleil,  
que, ton dur javelot, ton javelot vermeil,  
dardant de jour en jour une plus pure flamme,  
je sois régénéré, jusques au fond de l'âme,  
et même ma raison folle de te sentir  
ne reconnaisse plus si c'est vivre ou mourir!

II

SUGESTÕES DA NATUREZA

## DAS MONTANHAS

As montanhas, que vês, são rasgos de conquista  
— o arroubo mineral às alturas supremas.  
Elas trazem no seio a centelha imprevista  
da persistência ideal a refulgir em poemas.

E sempre as convulsiona o gênio imperialista  
do domínio rochaz nas ascensões extremas.  
Daí, por elas só — armas que a fôrça enrasta —  
a audácia dos vulcões, dos aludes, das gemas...

As montanhas — palor nevado, a espaços... longes  
branqueamentos sem fim nas cristas milenárias:  
a sombra dos heróis, dos mártires, dos monges...

E, ao vencer a distância, o mistério da morte,  
ei-las dentro no Sonho, altivas, legendárias,  
ensinando a ser nobre, a ser grande, a ser forte!

*Maceió — maio de 1917.*

## DOS VALES

Vales... de cuja profundez  
essa visão ressaí das cousas,  
a um segredar de cismas prêsa...

Pois nesse arrôjo, vento, que ousas  
por vêzes, alto, repeti-lo,  
por onde corres, lá o repousas.

È, suavizando-se, é um sigilo,  
em todo o espaço, a voz do vento,  
sob o sereno azul tranquilo.

Alma dos vales! Lento e lento  
se me afigura o teu viver,  
na inspiração do isolamento.

Mas, no abandono, êsse poder  
de olhar o fundo de si mesmo,  
alma dos vales, é um prazer.

Nunca persiste inculto sêsmo,  
porque te aténs no perquirir;  
e o mais se anula aos poucos, a êsmo...

E pelo esforço de entreabrir  
as leis da vida, seus misteres,  
sondas talvez o teu porvir...

Bem hajas! Tudo o que souberes,  
alma dos vales a sonhar...  
E a áurea lição, que nos sugeres,  
de refletir... de meditar...

*Maceió — maio de 1917.*

## DOS RIOS

Os rios nascem. É um filête, antes, revel,  
ou provenha de fonte, ou mesmo de geleira;  
mas, alongando o curso, emerge undoso anel,  
que, agora, largo, investe... e o trajeto aligeira...

Êles vivem. Por isso, a existência a tropel  
de emoções se reduz, através da carreira:  
vêzes, são areais que os tragam — lei cruel;  
vêzes, um lago os prende à afeição derradeira.

Mas, se alcançam delir, com todo o zêlo insano,  
os riscos do percurso, ei-los fortes, bravios,  
premendo, delirando os seios nus do oceano!

— Homem, ama! A paixão te exalte sem cessar!  
Pois é só por amor que as águas dêstes rios  
vão correndo... correndo... em busca das do mar!

*Maceió — abril de 1917.*

III

MUSA SENTIMENTAL



## NUVEM DE AMOR

Passaste como nuvem côr de rosa  
no firmamento azul, em horas mansas.  
Da graça, comovida e luminosa,  
retrataste a doçura das lembranças.

E conduziste os sonhos meus, formosa,  
e a centelha de afeto, em que descansas.  
Talvez sejas feliz, ou inditosa,  
tu, que levaste as minhas esperanças.

Fico-me só. Sòzinho, e suave, e triste...  
Mas, neste peito, há vibrações sadias  
do que foi, e será, e agora existe...

Cardos e flôres, com que o ser se junca,  
resultam, pela vida, em harmonias,  
se o amor, no coração, não morre nunca.

*S. Gabriel — agosto de 1930.*

## A QUE NÃO VEIO

Setembro. Nesta noite perfumada,  
espero-te. E não sei se vens, ao certo.  
Pode ser que te percas pela estrada,  
temerosa da chama que te oferto.

Neste leito — sòzinho, inquieto. E cada  
rumor que ouço me torna mais desperto.  
Ilusão... Não chegaste, minha amada,  
nem me trouxeste o níveo seio aberto.

Já se adelgaça a névoa dos caminhos.  
Ante a luz matinal, que se anuncia,  
há bulícios e músicas nos ninhos.

E eu, taciturno, mas, em ti pensando,  
fecho os olhos cansados para o dia,  
como quem fica ainda te esperando...

*S. Gabriel — setembro de 1930.*

## LA QUE NO VINO

(Versão de Villaespesa)

Septiembre. En esta noche perfumada  
te espero... Y dudo si vendrás de cierto...  
Puede ser que te pierdas en la estrada,  
temiendo el fuego que te brindo incierto.

Solo en mi lecho de inquietud... Y cada  
rumor que oigo me torna más despierto...  
Son ilusiones!... No llegaste, Amada,  
a ofrecerme tu blanco seno abierto.

La niebla se adelgaza en los senderos.  
Y a la luz matinal, cuanta alegría  
se despierta en los nidos vocingleros!...

Yo, taciturno, mas en ti pensando,  
cierro los ojos mustios para el día,  
y tu imagen aún quedo esperando!...

*Rio de Janeiro — janeiro de 1931.*

## A QUE REVIVE

Não me culpes, Amor, nos teus pesares,  
nem aumentes, por mim, as tuas dores.  
Acompanham-te sempre os meus cismares  
e o espírito solícito aonde fores.

Se ouvires cantilenas pelos ares,  
em dias claros e reveladores,  
imagina-as quais ondas singulares  
de carícias, que envio como flôres.

È se vires, em noites silenciosas  
— de olhos fechados, como adormecida. —  
entrar alguém de formas vaporosas,

aconchega-o, Amor, na soledade,  
e prolonga, no sonho, a tua vida,  
revivendo nos beijos da saudade.

*S. Gabriel — setembro de 1930.*

## LA QUE REVIVE

(Versão de Villaespesa)

No me culpes, Amor, en tus pesares,  
ni aumentes, por mi causa, tus dolores.  
Por donde vayas, siempre, mis penares  
solicitos persiguen tus rumores.

Si el aire cruzan ecos de cantares  
en días claros y reveladores,  
piensa tú que en sus ondas singulares  
mis caricias te envío como flores.

Y si ves, en las noches silenciosas,  
de ojos cerrados, como adormecida,  
entrar alguien de formas vaporosas,

acoge, Amor, la sombra que te invade,  
y prolonga en el sueño aún más tu vida  
a los besos sin fin de la saudade!...

*Rio de Janeiro — janeiro de 1931.*

## P E Q U E N A

*“A vida, nesta terra,  
vale apenas, talvez, pelo sonho que encerra”.*

*Menotti Del Picchia.*

Amo-te assim, pequena e recatada,  
como, no mar, a pérola mais pura.  
Na tua voz há músicas de fada,  
se conversas comigo com brandura.

Amo-te assim, ó minha bem-amada,  
tão branca como um riso de candura.  
Na luminosidade perfumada,  
teu olhar, para mim, é que fulgura.

Fulgura... E, de repente, num gorjeio,  
ficam teus lábios entreabrindo rosas  
e a palpitar de amor teu virgem seio.

E sinto, neste encanto, confundida,  
na sugestão das horasfortunosas,  
com a tua, docemente, a minha vida...

*S. Gabriel — agosto de 1930.*

## NO ÁLBUM DE UMA ARTISTA

Aos encantos da música associas  
tôda a beleza que provém de ti:  
sons — arrebatamentos e magias...  
e o amavio maior de ver Noemi...

Ouvindo-te, parece que amacias  
o coração da gente, que sorri;  
mas os olhos desta alma delicias,  
se te envolvem, simbólicos, Noemi.

Porque irrompem, nos cimos da memória,  
quando te escuto, as noites que perdi...  
a saudade de alguém... a minha história...

Mas, se te vejo, como que me inundo  
dessa ventura edênica, Noemi,  
de amar e ser amado neste mundo!

*S Gabriel — agosto de 1929.*

## FELICIDADE

*“Mais servira, se não fôra,  
para tão longo amor, tão curta a vida.”*

*Camões.*

O dia mais feliz de minha vida  
foi assim: tu, em plena primavera,  
possuías a doçura embelecida  
do sonho, da ilusão ou da quimera...

E vieste para mim. E o sonho, que era  
minha própria existência, fêz, querida,  
o milagre do amor, que tudo espera,  
sendo já realidade enternecida...

O dia mais feliz! — Declina a glória,  
também se extingue a pompa mais acesa  
— sujeitas à fortuna transitória...

Só tu, meu lindo amor, és divindade,  
a deusa da ventura e da beleza,  
vivendo em mim, num dia, a eternidade...

*S. Gabriel* — 1929.

## RECONCILIATIO

Dentro do sonho, como outrora, ouviste  
a minha voz clamando pela tua:  
— o desalento com que me feriste...  
— essa incerteza que te tumultua...

E os meus anseios todos distinguiste,  
na estrada do destino, ardida e nua;  
pois, de repente, compassiva e triste,  
nos olhos teus a mágoa se acentua...

Então, eis que ressurge a crença antiga:  
tu me remiste para a suavidade...  
e eu te perdôo, minha doce amiga...

Ambos sofremos. Mas, o amor perdura.  
E, agora, os longos dias de saudade  
são êxtases perenes de ternura.

*Rio de Janeiro — 1919.*

## MADRIGAL DE ALDA

*“Fita-me assim calada, assim chorosa.  
E deixa-me sonhar a vida inteira!”*

*Antero de Quental.*

### I

Vens da distância, vens... Magoada e triste  
é a sombra excelsa do teu vulto amado.  
E eu indago do amor por que êle existe.

Princípio e fim do ser tantalizado,  
se a lírica expressão do bem resume,  
não devera lembrar nenhum pecado...

— Alda! germina em mim o claro lume...

## II

Acende em mim o enlêvo que te assusta,  
a grata floração triunfal do gôzo,  
na vertigem do afeto, olente e augusta.

E faze então vibrar tua alma, que ouse  
reconhecer liberta, e ardente, e fida:  
— Alda! ressurgue, pois, o amor glorioso...

...E deixa que te adore em tôda a vida...

*Maceió — junho de 1916.*

## DE LONGE

*“Esta saudade, esta imortal saudade!”*

*Guimarães Passos.*

Aqui, neste castelo, em ruínas, da saudade,  
onde me colocou a marcha do destino,  
é que sinto que a mágoa infinita me invade,  
como o sombreado ao sol, no esmaiar vespertino.

E, à noite, em vindo o luar, é dúbia a claridade.  
E, ao contrário de outrora, o teu vulto divino  
já não transluz naquela amiga suavidade  
que à vida me animava em sonho adamantino.

Então, tudo semelha o amargor do abandono:  
amarelo é o rosal... e a natureza tece  
o cansaço e o torpor de desolado sono...

E a harmonia aromal da tua mocidade,  
apenas entrevista, é solitária prece,  
aqui, neste castelo, em ruínas, da saudade...

*Recife — outubro de 1914.*

## CONSOLATIO

### I

Foi meu destino, querida,  
sofrer o golpe nefando...  
Resta-me, agora, na vida  
— meu coração miserando —  
adeus dizer-te, chorando.

E adeus te digo, chorando,  
na mais fatal despedida:  
— de mim te afastas, clamando,  
rancorosa e fementida.  
Eis meu destino, querida..

## II

Mas, um dia, os meus amôres,  
na tua alma, de mansinho,  
soluçarão, aonde fores,  
lembranças, sons — murmurinho  
de saudades e carinho.

Da saudade no carinho  
esquecerás teus rancores.  
E, então, em ti, adivinho  
como são consoladores  
os prantos dos meus amôres. . .

*S. Gabriel — junho de 1927.*

## MINHA MEDALHA

*“E tudo o que me fica  
é a saudade de um bem... que nunca veio...”*

*Alberto de Oliveira.*

### I

Quando te vens, que alegria!  
Suave o céu, azul o mar...  
E a luz do sol propicia  
o arrôjo de te abraçar...

Meu som de notas ardentes...  
Minha harmonia querida...  
Ouço-te a voz em torrentes  
para a beleza da vida...

Certo, escrevo, entre os refolhos  
da paixão, teu nome. E, amando,  
dá que me veja em teus olhos,  
perpetuamente brilhando...

## II

Mas, se te vais, que tristeza!  
A esta gleba nemorosa  
banha o rio da incerteza  
numa indolência queixosa...

E não sei mesmo se existe  
a mágoa fria do mar:  
o meu amor é mais triste  
— último som a expirar...

Na partida, há suavidade  
a êsses que esperam entre ais...  
E o meu amor é a saudade  
que talvez não volte mais...

*Maceió — abril de 1917.*

## A D E U S

*“Possas chorar, arrependida,  
vendo a saudade que aqui vai!”*

*Olavo Bilac.*

Embora  
sentindo distante  
a essência encantada,  
de tua alma errante,  
enlevo-me...  
E durmo embriagado  
à sombra dolente  
do amor do passado...

Beduíno,  
afeito ao deserto,  
pressinto o simum  
que passa liberto.  
E sofro,  
em meu peito que arde,  
o sol que dardeja  
a mágoa da tarde.

Tu fôste  
a meiguice ideal.  
E bebo o amavio  
sutil e oriental.  
E aspiro,  
na minha ansiedade,  
o aroma divino  
da flor da saudade.

Adeus,  
visão erradia,  
dileta fragrância,  
que inda hoje inebria...  
Por ti,  
que és sonho adorado,  
irei revolvendo  
e amando o passado...

*Maceió — 1917.*

## NOX MEA

*“Et, pour sa voix, lointaine, et calme, et grave, elle a  
l’inflexion des voix chères qui se sont tues.”*

*Paul Verlaine.*

Estendo o olhar às brumas do passado . . .  
Dessa árvore da vida dolorosa  
o aroma sôrvo, espiritualizado,  
de um bem a que se aspira e se não goza.

E eis que ondeia um acorde abemolado . . .  
Aos golpes do destino, sentenciosa,  
a penumbra segreda, memorado,  
o esforço vão de tudo, à luta ansiosa.

E a voz do sentimento em mim descerra  
as cortinas perpétuas, por que se há-de  
fixar a dor simbólica na terra.

Pois, se a tristeza as trevas só agouram,  
minha noite soluça na saudade  
dêsses mortos queridos que se foram...

*Maceió — abril de 1917.*

## A QUE SONHA

Ris ao teu sonho. . . Nesse riso, a graça  
tôda seduz, eleva-se, radia.

À tua, carnação, serena, abraça  
dos sêres e das coisas a alegria.

No decorrer do tempo, a forma esvoaça.  
Mas brilha a idéia, a essência, a primazia.  
E outras formas virão, heris, sem jaça,  
para a eterna unidade que extasia.

E a unidade esplendente, a diva, a pura,  
na gloriosa expressão — em ti, risonho,  
é o gesto palpitante de ventura.

E nesse ideal — que exalta o bem, querida —  
vibra o imortal segrêdo do teu sonho,  
numa excelsa visão do amor na vida . . .

*Maceió — 1918.*

## ASSUNÇÃO

Assunção  
para o bem, para a luz, para a glória  
— perfeição.  
O teu amor é a mais flórea  
sentimentalidade,  
como fôra  
excelsa harmonia,  
que persuade  
à serena ambição redentora  
de aspirar  
à tua primazia...  
e viver... e sofrer... e adorar...

Só,  
renasce em fogo o anseio,  
sem dó.

Não  
se abate o afeto em meio  
e em vão.

Ah!  
porque a desventura  
terá  
o seu fim na exaustão!

Esplêndida huri,  
porque da imagem pura  
— de ti —

vem  
e luz o velo de ouro  
do bem!

Lar,  
aroma, tesouro,  
no altar  
da beleza e do ritmo estelar!

Por ti, bem-amada,  
só por ti êste cântico se eleva.  
Véu,  
céu!  
Estrada  
cintilante da glória primeva...  
Som, côr,  
vida suma...  
Oh! teu ardor  
nos perfuma...

Mas, então,  
flor,  
é assunção  
o amor!

*Cabo — Pernambuco, junho de 1918.*

## À MOCIDADE

*“Que te incite o casto corpo  
— suplica uma alma pura — ânimo forte.”*

*Juvenal.*

Vencer é progredir. De certo, à luta ingente,  
a fôrça prevalece, a rijeza gladia.  
E é de ver na vitória, evolucionalmente,  
a pomposa expressão da suprema energia.

O ser, em se formando o músculo potente,  
a plástica insinua à corpórea harmonia;  
e ao perfeito equilíbrio ascende, humanamente,  
se o espírito transluz na glória que o radia.

Em ti — ó juventude — a abençoada messe,  
a tenaz ambição de crescer e subir,  
o vigor que se alteia, o brio que enobrece.

Ao universo nada há que as bases lhe transgrida.  
E, sendo a mocidade a visão do porvir,  
eterna se levante à grandeza da vida!

*Maceió — setembro de 1917.*

## ORFANDADE

— “Mãe — disse o filho, com simpleza amena —  
por que é que sempre vais ao Campo-Santo?  
Por que choras também? Eu tenho pena,  
bem sabes, de te ver sofrendo tanto.”

— “Mais adiante o direi — com voz serena  
respondeu — ao cresceres, meu encanto...”  
Mas, afagando-o — pálida açucena —  
dos lindos olhos lhe corria o pranto.

Dia dos Mortos. Pela mão levando  
o filho, já rapaz, falou: — “Não vês  
esta cruz? Reza, agora...” E soluçando:

“Escuta, ajoelha-te contrito, vai;  
viverás sem ninguém por ti talvez;  
sob esta cruz, meu filho, está teu pai.”

*Recife — novembro de 1913.*

## M A R T E

*“Si les planètes et les satellites ont une commune origine, ces astres doivent offrir entre eux de grandes ressemblances.”*

*Ch. Contejean.*

Irmão da Terra! Assim o quer a analogia, procurando sondar um mistério profundo: e a hipótese traduz o esplendor da energia, sendo Marte habitado, à feição dêste mundo.

À experiência, no entanto, êsse problema, oriundo da probabilidade, a final se entibia: e, atendendo à evidência, a alguém, que o encare a fundo, logo se lhe dirá que, agora, há fantasia...

Mas, vingando a asserção que a dúvida desperta,  
se o futuro provar a todos a existência  
de humanidade em ti, ó Marte — a vida incerta —

rebrilhe em tua sorte a perfeição, que encerra  
o bem, o justo e o belo, em verdade e na essência,  
e que não tenhas nunca as misérias da Terra!

*Maceió — março de 1915.*

## MAIO, QUANDO NASCESTE

A paisagem de maio, olente e pura,  
às vêzes tem um quê de misticismo:  
um como êxtase estranho, no magismo  
do céu de nossas ilusões, fulgura.

Erram no espaço uns tons de iluminura,  
em que se mostra a vida à flor do abismo:  
no abstraimento de angélico mutismo  
como que o ser se esvai na azul planura.

Mas, pouco a pouco, o mito se engrandece...  
Ungida a idéia nas inspirações  
do mês em que nasceste, resplandece.

E, de envolta com os seus carinhos, pões,  
ó tu, Maio, a poesia — a eterna prece —  
nas catedrais dos nossos corações!

*Maceió — maio de 1914.*

## O GRANDE AMOROSO

Êste que vive sempre sorridente  
— um beija-flor em lábios juvenis —  
é invejado dos néscios, essa gente  
que odeia só de crer alguém feliz.

Não entende, por isso, o maldizente  
que é bom dormir em colos feminis,  
dar-lhes carícias, religiosamente,  
tornando os corações primaveris.

Delícia humana dos desamparados!  
Não se ignore que aquêle que mais ama,  
muita vez, é o maior dos desgraçados...

E, se mimos oferta, o gesto seu  
procura, nos carinhos que derrama,  
sem esperança, um sonho que perdeu...

*S. Gabriel — agosto de 1930.*



IV

TRILOGIA DAS IDADES

## O N T E M

Iniciação da vida, o passado é a distância.  
E' a imensa trajetória, abrochada de espinho,  
em que flutuou primeiro o travor da inconstância,  
com as rudes convulsões da terra em redemoínho.

Depois, no andar do tempo, à margem do caminho,  
um dia vem-se abrindo a flor de nossa infância.  
E foi talvez olhando o mundo sem carinho  
que do homem primitivo efluíu um grito... uma ânsia...



E desde então vibrou no espírito dos povos  
— da incerteza no amor à descrença na vida —  
a eterna aspiração de paz e lares novos.

Mas no passado existe um bem à humanidade:  
a harmonia dolente, em beijos difundida,  
que soa e acorda na alma a renúncia e a saudade..

*Maceió — maio de 1916.*

## H O J E

Esfôrço progressivo à matéria jungido,  
o presente condensa o ardor de tantos anos.  
A real transformação do tempo decorrido  
é um gesto afirmativo aos prélios soberanos.

De bem longe provém, ao ponto ora atingido,  
êste impulso vital de gozos e de afanos.  
E abençoado o enleio, em que temos vivido,  
de tudo descobrir em todos os arcanos.

Horizonte visual nos ermos perpetuado,  
o presente traduz, na memória, distante,  
um som que se extinguiu, harmonioso e magoado...

Mas, lançando ao senfim a nossa fantasia,  
sempre nêle domina essa fôrça constante  
do grande amor triunfal que ao pensamento guia...

*Macció — março de 1916.*

## A M A N H Ã

Anelo de quem sente, o futuro reaviva  
a inspiração voejante, o anseio mais agudo.  
Não permite o brotar de alguma idéia esquiva:  
é a cristalização da energia de tudo.

E, olhando o espaço ignoto, a eterna perspectiva,  
onde florescem sóis num resplendor desnudo,  
por entre o espiralar da imagem subjetiva,  
do futuro e infinito o símile transudo.

Nêle, pois, a esperança — a luz que me apropínquo.  
na vasta solidez de um culto sôbre-humano,  
embora se me antolhe o horizonte longínquo.

E, se persisto sempre, é porque, na verdade,  
no amanhã eu vislumbro o humanizado arcano  
da purificação e da felicidade!

*Bahia — agosto de 1915.*

V

MUSA REDIMIDA

## HERÓIS DESCONHECIDOS

### I

#### *Na Paz*

Quem é êsse que passa à nossa porta,  
pelas tardes de estio, sem cantar?  
Exaurido e suarento — não importa —  
procura a choça para descansar.

Junto à mulher e aos filhos, não conforta  
a rude refeição do pobre lar.  
Mas na manhã seguinte se transporta,  
de enxada ao ombro, para laborar.

Trabalhador rural do nosso Engenho!  
Quanto devemos, desde a infância, à agrura  
do teu suor, no agricultural ferrenho!

Tu, como o teu irmão cá da cidade,  
tens sido nobre, nessa faina obscura,  
que enche o Brasil de viva claridade!

*Rio de Janeiro — dezembro de 1946.*

## II

### *Na Guerra*

Em verdes anos, no quartel, havia um camarada que a instrução guardava como relíquia. E, fôsse noite ou dia, era o disciplinado que marchava.

Quando tivesse filho — prometia — na carreira das armas o alistava. E, nessa tradição de galhardia, seu apêgo à bandeira perdurava.

Camarada dos tempos que passaram!  
Se não podes conter os prantos teus,  
é lícito chorar os que te amaram.

Que teu filho, soldado varonil,  
e os companheiros — invocando a Deus —  
morreram na defesa do Brasil!

*Rio de Janeiro — dezembro de 1946.*

## NUNCA MAIS

(Tradução)

Saudade, que de mim desejas? Pelo espaço  
fazia o outono voar ao tordo, e um raio baço  
lançava o sol no bosque amarelento e lasso,  
em cujos ramos freme o norte num trespasso.

Estávamos a sós... Seguíamos sonhando,  
eu e ela, ao vento a idéia e os cabelos em bando.  
Súbito, seu olhar comovente voltando:  
“Qual teu dia mais belo?” Era o som adorando

de sua voz divina e harmoniosa de afeto.  
A resposta floriu, num sorriso discreto,  
e lhe beijei a mão branca, devotamente.

Ah! os primeiros rosais, como são perfumados!  
E como canta, num murmúrio resplendente,  
o virgem "sim" que sai de uns lábios bem-amados...

*Pôrto-Aegre — 1926.*

## NEVER MORE

*(De Paul Verlaine)*

Souvenir, souvenir, que me veux-tu? L'automne  
faisait voler la grive à travers l'air atone,  
et le soleil dardait un rayon monotone  
sur le bois jaunissant où la bise détone.

Nous étions seul à seule et marchions en rêvant,  
elle et moi, les cheveux et la pensée au vent.  
Soudain, tournant vers moi son regard émouvant:  
"Quel fut ton plus beau jour?" fit sa voix d'or vivant,

sa voix douce et sonore, au frais timbre angélique.  
Un sourire discret lui donna la réplique,  
et je baisai sa main blanche, dévotement.

— Ah! les premières fleurs, qu'elles sont parfumées!  
Et qu'il bruit avec un murmure charmant  
le premier "oui" qui sort de lèvres bien-aimées!

## ONZE ANOS DEPOIS

Onze anos são passados. Nas campinas verdes da estância há sombras pervagando: sonhos, visões, lembranças e as divinas inspirações de outrora, soluçando.

Frondeja o cinamomo, no odorando calor da primavera. Suaves, finas, as suas flôres ficam arroxando aquelas solidões e as nossas sinas.

Entro na tua casa. O sol fulgura.  
Mas, dentro em mim, há frêmitos dolentes  
de incertezas, saudades e ternura.

Surges, por fim. No teu olhar sem côres  
releio o meu destino: estão presentes  
nossas recordações e nossas dores.

*Lavras do Sul — novembro de 1941.*

## O ELOGIO DA BELEZA

*À patricia "mais encantadora".*

Encantar é reunir a alta lei da harmonia,  
a lei que empolga, a lei que eleva, a lei que ufana;  
e, como a perfeição é o belo que irradia,  
infere-se que o encanto à beleza se irmana.

Para a felicidade irrompe a causa humana.  
Ser bela é ser feliz, a par da sinergia  
de outras idéias mais, donde o encanto dimana  
— êsse encanto que é som e a nossa alma inebria.

E, pois, a ti, que, em sendo encantadora, assiste  
a intuição da beleza, esplêndece também  
a noção da virtude, a que ninguém resiste.

Porque a virtude, assim, resume e se encastela:  
— não se concebe a luz sem a idéia do bem...  
— e a mulher, sendo pura, é encantadora e bela...

*Macció — fevereiro de 1915.*

## CIDADE NOVA

*“Tôda noite tem auroras,  
raios — tôda escuridão.  
Moços, creiamos, não tarda  
a aurora da redenção.”*

*Castro Alves.*

Esta é a terra inviolada, a gleba santa,  
onde se anula o mal, se abate o egoísmo.  
E no progresso invicto se diamanta  
a água lustral do bem para o batismo.

Já não ressaltará peleja tanta.  
E nessa esplendidez — o senso diz-mo —  
é a unidade social, que se levanta  
sob o império dulcíloquo do altruísmo.

Porvir do som! Se tudo, no orbe, o sente...  
Orgânico primor... a nova idade...  
a vida efluindo em glória onipotente...

E, desdenhando as ambições e os lodos,  
a voz diletta da felicidade,  
na evolução moral dos sêres todos...

*Maceió — maio de 1917.*

## QUANDO REFLORISTE

Os cajueiros, de nôvo, ao sol florindo,  
derramam, pelos ares, seus odôres.  
Um sentimentalismo azul, benvindo,  
têm na garganta os pássaros cantores.

Que desvendaste os íntimos primores,  
foi num dia como êste, suave e lindo:  
— tuas faces cheiravam como as flôres...  
— cantava-me, no peito, o amor infindo...

Repete-se, portanto, a natureza,  
na extensão perfumada dos espaços,  
na musicalidade e na beleza.

A humana condição, porém, é triste:  
— já não posso apertar-te nos meus braços...  
— e meiga, na saudade, refluoriste...

*Maceió — agosto de 1947*

## N Ó S D O I S

Sei que um dia me vou, além da vida,  
deixando-te a chorar as nossas dores.  
Ou partirás primeiro, adormecida,  
e em pranto ficarei, quando te fores.

Recordarás, na desditosa lida,  
a grata vibração dos meus fervores.  
Ou lembrarei, de súbito perdida,  
a delicada unção dos teus amôres.

Quando o dia chegar, pesado e lento,  
a triste despedida de nós dois  
gravará, pelo mundo, o desalento.

Mas a Esperança como que persuade:  
e aquêle que chorou, irá depois,  
para o outro consolar na eternidade.

*Maceió — dezembro de 1947.*

VI

CIMOS E VISÕES



## ROSA LETÍCIA

(*Neném*)

Quando me fôr, Neném, levo o teu pranto,  
dentro no coração, à luz dos luares.  
Acorde comovente que transplanto,  
por tôda parte, muito além dos ares.

Em noites tristes, quando em mim pensares,  
Deus, que é pai, cuidará de ti, portanto.  
E rezarei, nas sendas estelares,  
pela filha adorada, em seu recanto.

E, em dias belos, pensarás ainda  
que estou presente. Tua mãe é minha.  
Alegres as irmãs. E a vida é linda.

E nesse enlêvo, à sombra do meu verso,  
Deus te abençoa, ó dúlcida filhinha,  
com o seu canto de amor pelo universo.

*Brasília — fevereiro de 1964.*

## O NOSSO AMOR

Ontem, reverdeceu, na terra, a touca  
das árvores, com frêmitos nos ninhos,  
assim como floriu na tua bôca  
um desejo de amor e de carinhos.

Hoje, na terra, nada mais se apouca,  
e até canções se escutam nos espinhos,  
assim como ressoa a festa louca  
dos teus beijos, que exaltam como vinhos.

E na terra, amanhã, com segurança,  
haverá transcendência em sua sorte,  
assim como na dor e na esperança.

E o nosso amor, então, com puros ritos,  
vencendo, pela fé, a própria morte,  
sonhará nos espaços infinitos.

*Rio de Janeiro — março de 1953.*

## BRASÍLIA

*Ao Príncipe Ignoto, que nesta terra nasceu.*

Vejo-te como ao longe, no passado,  
te imaginaram nos primeiros dias:  
— o cimo de um Brasil glorificado,  
na síntese feliz com que nascias.

Vejo-te, agora, como que vibrado  
o alto gênio da raça em que confias:  
— pelas sendas do céu todo estrelado...  
— pelo seio da terra em energias...

Vejo-te, ainda, num deslumbramento:  
— vocação humanista do teu povo,  
a paz universal no seu alento.

E na fé, na esperança estremecida,  
está Brasília, cujo mundo nôvo  
é um coração aberto para a vida.

*Brasília — 1962.*

## OS AMÔRES

*“Pensar para agir; e agir por afeição”.*

*Augusto Comte.*

Já pensaste no dia em que nasceste  
— um dia claro, sob um céu azul?  
E na serenidade em que evolveste,  
sob o Cruzeiro resplendente ao Sul?

Já pensaste na terra que escolheste  
— terra de sol, e linda, e sem paul?  
E, outorgada por Deus, já recolheste  
ao coração a sã justiça exul?

Assim pensaste? — Poderás agir,  
na batalha da vida, sem temores,  
se a constante afeição te conduzir.

Feliz aquêles que, no ideal profundo,  
vislumbra e alcança, em todos os amôres,  
a divina bondade sôbre o mundo.

*Brasília — janeiro de 1961.*

## O S Ó

Meu amigo Jesus. Quando menino,  
eu não cuidava que sofreste tanto:  
— via, em teus olhos, um fulgor divino,  
e, em teu natal de festas, um encanto.

Depois, ano por ano, meu destino  
firmou-se entre a esperança e o desencanto:  
— ouvi tua doutrina como um hino,  
e a voz crucificada como um pranto.

A raça humana continua aflita.  
O Bem e o Mal persistem, resistindo,  
numa contradição que ao senso agita.

Só tu ficaste em luz alta e castiça:  
Homem ou Deus — pensando, amando e agindo —  
eterno na Verdade e na Justiça.

*Rio de Janeiro — 1951.*

## CREUSA

*“... Mas antes, nesta Pátria, me retém a terra. Agora, adeus. E guarda amor ao nosso filho.”*

*Eneida, Livro II — Vergílio.*

No doloroso passo, como Enéias,  
vejo-te o vulto excelso ressurgindo.  
E, no abraçar-te, tomas as aléias  
da sombra — em fumo, súbito, fugindo.

Mas, morrendo com a Pátria, as epopéias  
do fundo das idades vão subindo.  
E memoras, nas límpidas idéias,  
o nobre sacrifício e o amor infindo.

À flama dos afetos mais profundos  
fôste igualada, ó Creusa redentora,  
no equilíbrio dos homens e dos mundos.

Tua visão heróica se efetiva:  
recomposta na vida — sofredora;  
mergulhada na morte — rediviva.

*Rio de Janeiro — julho de 1955.*

## A QUE VEM

Olho o céu todo estrelado,  
e penso nela, que vem...

Que mistério me retém  
neste planêta, encantado?

E penso nela, que vem...

Quando o amor fôr sumo bem,  
surge o mundo unificado.

E penso nela, que vem...

*Rio de Janeiro — 1960.*

## QUANDO TUDO ACABAR

Passearemos, Amor, por tôda a estrada,  
na alegria da causa mais ditosa:  
— tu, em festas e afagos embalada...  
— eu, envolvido em pétalas de rosa...

E muitos pensarão, até, que vamos  
indiferentes pelo mundo em fora.  
Mas indagam: há pássaros nos ramos?  
que cantigas são essas, de hora em hora?

Êles não sabem que, no afeto, avultas  
o coração como se fôsem luares.  
E acordas sensações outrora ocultas  
E aromas feiticeiros pelos ares.

Assim seguimos, pois assim é a vida:  
— um passeio de amor, triste ou risonho.  
E a existência, por dois, bem dividida,  
sob o calor do nosso próprio sonho.

E, no fim, entre os longes do caminho,  
inda brilham os últimos desvelos.  
Tudo acabou... exceto o teu carinho  
na brancura feliz dos meus cabelos...

Tudo acabou; mas, trêmula, surdina  
a tua voz querida, em oração:  
— um comêço de música divina...  
— e a plenitude da recordação...

*Rio de Janeiro — outubro de 1955.*

## PRIMEIRA PROFESSORA

Professora querida, que saudade!  
Todo o passado ante os meus olhos ponho.  
Sofreste: — e ouvi, na tua mocidade,  
que me instruía, um cântico tristonho...

Hoje, a distância como que se evade.  
E sinto, perto, o céu de que disponho:  
— o teu carinho, cheio de bondade...  
— e êste amor infinito como um sonho...

Professôra querida. Em pequenino,  
tudo era grande — a rua, o luar, o dia...  
Mas fôste tu maior no meu destino...

Sofro, como sofreste. E, nesta idade,  
inda me embala o canto que te ouvia...  
Professôra querida, que saudade!

*Brasília — fevereiro de 1964.*

## O NOSSO ROMANCE

Vamo-nos despedir, Amada, agora,  
antes que o tédio nos separe, ou o pranto:  
— rumarás para um sítio que se enflora...  
— seguirei para um plácido recanto...

Desceremos do céu, um céu de aurora,  
que nos reteve há tanto tempo, tanto.  
Mas é preciso que te vás embora  
e me afaste também do teu encanto.

Sublimado em saudade o real desejo,  
todo temor desaparece. Assim,  
ao meu recanto vens, teu sítio vejo.

Outro céu, nova luz, estranho fado:  
os romances de amor têm sempre fim,  
mas o nosso romance é inacabado...

*Rio de Janeiro — 1959.*

## LEVANTA-TE E PELEJA

*À comunidade brasileira — civis e militares — para a redenção da nossa Pátria.*

Levanta-te. Peleja. Não ao léu  
de opressores quaisquer da nossa terra.  
Quem tem consciência sabe que descerra  
e estraçalha da infâmia o negro véu.

Sub-homem que se vende é baixo réu,  
e sub-homem que o compra é igual. E aberra.  
Puni-los sem demora, em justa guerra  
— eis do dever o cívico troféu.

Companheiro que o crime desafia,  
ou tua vida tenhas arriscado  
pela Pátria, aproximam-se hora e dia.

Porque horroriza, e afronta, e contamina,  
que sejam senador ou deputado  
criminosos de morte ou de rapina.

*Brasília — dezembro de 1962.*

## A CANÇÃO DO FANTASMA

*(Lenda do Nordeste)*

Altas horas da noite, pelos ermos,  
entre as ruínas do Engenho, irrompe um grito,  
um choque rude. E cânticos enfermos  
seguem depois, em trêmulo infinito.

Contam que, outrora, por aquêles têrmos,  
rondara um cavaleiro atrás de ùm mito.  
Mas o ciúme bradou: “Urge abatermos  
quem vem roubar o nosso aïnor aflito”.

Matam-se os dois rivais. A dama acorre  
— coração de mulher — para a agonia.  
E desoladamente canta... e morre...

Ficou maldito o Engenho. E assombra e pasma,  
após o grito e o choque, em noite fria,  
inda ouvir-se a canção dêsse fantasma.

*Rio de Janeiro — janeiro de 1955.*

## NOITES DE S. JOÃO

Noites antigas, noites feiticeiras,  
que, saudosas, ficaram na lembrança.  
Ouvem-se cantos, perto de fogueiras,  
e, derredor, há vibração e dança.

Sortes e cirandinhas, entre esteiras  
de luz multicolor, que ao céu alcança.  
Noites olentes, noites cançãoeiras,  
cheias de amor, de fé e de esperança.

E a festa floresceu, porque não finda.  
Neste instante, S. João, glorificado,  
subiu num balãozinho. A noite é linda...

Ó tu que amas a “Terra das Palmeiras”, (\*)  
vê como é belo o sonho do passado:  
— noites ditosas, noites brasileiras...

*Rio de Janeiro — junho de 1958.*

---

(\*) “Terra das Palmeiras” — Tradução do nome indígena do Brasil nas suas origens — “Pindorama”

## HOMO CONSCIENS

*“E o Espírito de Deus movia-se sôbre as águas.”*

*(Gênesis, I, 2).*

Um dia, no longínquo da memória,  
meditei teu princípio em fundos mares.  
Quem és? donde vieste? e aonde vais, na história  
do globo e do universo pelos ares?

De teses e doutrinas — transitória  
tem sido tôda seita que firmares.  
Na evolução da ciência e da arte, a glória  
só nos pósteros brilha, em seus cismares.

E quem és? — Um instante no finito.  
Donde vieste? — Do ciclo das idades.  
E aonde vais? — Para os rumos do infinito.

Mas êsse instante, e o ciclo, e os rumos teus  
são feitos da suma das verdades:  
— luz da consciência humana para Deus.

*Brasília — dezembro de 1962.*

## HONRA A SILVESTRE PÉRICLES

*A ti, cingelador de poemas de ouro, aedo  
que "Das rimas no tempo" eras o rei que ainda és,  
pois as Musas jamais deixaram de aos teus pés  
estar, culto rendendo ao teu poético credo,*

*o meu preito maior, que de ti não me arredo,  
fauno das ninfas reais, redivivo Moisés  
que exorta às leis do amor do seu canto através,  
canto em cuja harmonia atônito enveredo!*

*Quero-te, irmão de luz, no banquete das eras,  
comigo a inspiração, nos mesmos, grandes haustos,  
sorvendo, taça em punho, à mesa das quimeras.*

*Fraternizemos, pois, no louvor destas rimas.  
— Os poetas de cantar não cairão nunca exaustos  
e hão de juntos viver o ideal das obras-primas!*

Brasília — 1960.

PAULO FÉNDER.



# ÍNDICE

3. <sup>a</sup> Edição, aumentada .....	5
Prefácio — Menotti Del Picchia .....	9
Nótula Pessoal .....	13

## I

### MUSA DILETA

Pátria .....	17
Mátria .....	19
A Que Deixa Posteridade .....	21
Natal (Recordação da Infância) .....	23
Do Eterno Motivo .....	25
Beleza .....	27
Beauté .....	28

## II

### SUGESTÕES DA NATUREZA

Das Montanhas .....	31
Dos Vales .....	33
Dos Rios .....	35

### III

#### MUSA SENTIMENTAL

Nuvem de Amor . . . . .	39
A Que Não Veio . . . . .	41
La Que No Vino . . . . .	43
A Que Revive . . . . .	45
La Que Revive . . . . .	47
Pequena . . . . .	49
No Álbum de Uma Artista . . . . .	51
Felicidade . . . . .	53
Reconciliatio . . . . .	55
Madrigal de Alda . . . . .	57
De Longe . . . . .	59
Consolatio . . . . .	61
Minha Medalha . . . . .	63
Adeus . . . . .	65
Mox Mea . . . . .	67
A Que Sonha . . . . .	69
Assunção . . . . .	71
À Mocidade . . . . .	74
Orfandade . . . . .	76
Marte . . . . .	78
Maio, Quando Nasceste . . . . .	80
Ô Grande Amorofo . . . . .	82

### IV

#### TRILOGIA DAS IDADES

Ontem . . . . .	87
Hoje . . . . .	89
Amanhã . . . . .	91

## V

### MUSA REDIMIDA

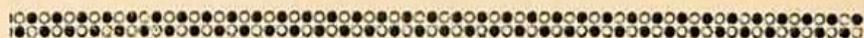
Heróis Desconhecidos — Na Paz .....	95
Na Guerra .....	97
Nunca Mais .....	99
Never More .....	101
Onze Anos Depois .....	103
O Elogio da Beleza .....	105
Cidade Nova .....	107
Quando Reffloriste .....	109
Nós Dois .....	111

## VI

### CIMOS E VISÕES

Rosa Letícia .....	115
O Nosso Amor .....	117
Brasília .....	119
Os Amôres .....	121
O Só .....	123
Creusa .....	125
A Que Vem .....	127
Quando Tudo Acabar .....	128
Primeira Professôra .....	130
O Nosso Romance .....	132
Levanta-te e Peleja .....	134
A Canção do Fantasma .....	136
Noites de S. João .....	138
Homo Consciens .....	140
Honra a Silvestre Péricles .....	142





DE PAULO FÉNDER, EM CARTA  
DIRIGIDA A SILVESTRE PÉRICLES,  
EM 1 DE JANEIRO DE 1965:

“Acabo de ler o “Homo consciens”, o maior dos sonetos de todos os poetas. Muito me distinguiu o privilégio, entre os seus leitores mais íntimos, de ter sido o primeiro a conhecer essa obra-prima de teologia bíblica, em língua portuguesa.

Mestre do verso filosófico e “embai-xador de Deus”, como quer Victor Hugo, você é, aí, o poeta da revelação, que não sossobrará. Emergirá sempre de um mar de velhas dúvidas, com a verdade eterna do seu belo soneto.

A teoria da experiência da consciên-cia, que levou Hegel à descoberta do “Logos” pré-terrestre, como fonte do espí-rito, é captada e transcendida, com genial espontaneidade, na sua pequenina obra de síntese. Dir-se-ia uma semente plena dos germes daquelas flôres puras, que margea-rão os caminhos iluminados, por onde, al-gum dia, regressaremos ao “Pater Noster.”



